

# As menores existências e as poéticas híbridas no devir-passarinho

Insurgent practices and hybrid poetics  
in Becoming a little bird

Pequeñas existencias y poéticas  
híbridas para devenir pajarito

**Antonio Almeida da Silva<sup>1</sup>**

**Glòria Jové Monclús<sup>2</sup>**

**Laura Molina Romero<sup>3</sup>**

1 Professor Dr. titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Professor pesquisador do grupo de Pesquisa Carta-Imagem (Grupo de Estudos e Pesquisa em Imagem, Memória e Educação). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0439748570650475>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6373-1957> E-mail: [almeida.uefs@gmail.com](mailto:almeida.uefs@gmail.com)

2 Professora, doutora em Ciências da Educação. Professora da Faculdade de Educação, Psicologia e Serviço Social da Universidade de Lleida, Espanha. Faz parte do grupo de pesquisa DHIGECS (Didáctica de la Història, la Geografia i altres Ciències Socials) e coordeno a linha de pesquisa educação inclusiva e o grupo "espai híbrid". Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6526-4176>. E-mail: [jovegloria@gmail.com](mailto:jovegloria@gmail.com)

3 Professora primária da escola Jacint Verdaguer em Tàrraga (Espanha). Mestre em psicopedagogia e educação inclusiva pela Universidade de Lleida. Trabalho colaborativo com o grupo de pesquisa Espai Híbrid da Universidade de Lleida. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-20410923> E-mail: [lauraamolinaa@gmail.com](mailto:lauraamolinaa@gmail.com)

**RESUMO**

Trata-se de um artigo que busca tecer relações entre a arte e a ciência para tentar insubordinar outras práticas insurgentes atravessadas pela arte contemporânea numa relação transdisciplinar entre arte e ciências. Somos desafiados a pensar outros modos de produção de conhecimento através do conceito “os modos de existências” do filósofo Etienne Souriau. No desafio de dar outras existências (visibilidades), nas relações entre as aves e os aviões, as crianças criam uma natureza híbrida através de desenhos e protótipos, rompendo a dicotomia e o dualismo tão presentes nos conceitos de cultura e natureza, inventando, assim, uma outra forma de compreender o mundo em que estão inseridas, fazendo do ato de aprender um exercício investigativo, divertido e criativo.

**PALAVRAS-CHAVE**

Arte; Ciência; Natureza; Modos de existências.

**ABSTRACT**

This article seeks to weave relations between art and science to insubordinate other insurgent practices relationship between art and science. We are challenged to think about other modes of knowledge production through the concept “the modes of existence” coined by the philosopher Etienne Souriau. Challenged to give other existences (visibilities) to the relationships between birds and planes, children create a hybrid nature through drawings and prototypes. Thus, they break the dichotomy and dualism so present in the concepts of culture and nature and invent another way of understanding the world in which they are inserted, making the act of learning an investigative, fun, and creative exercise.

**KEY-WORDS**

Art and Science; Nature; Modes of existence.

**RESUMEN**

Este artículo pretende tejer relaciones entre arte y ciencia para intentar desobedecer otras prácticas insurgentes atravesadas por el arte contemporáneo en una relación transdisciplinar entre estos ámbitos, entre arte y ciencia. Pretende ser un desafío para pensar en otras formas de producir conocimiento a través del concepto “modos de existencia” acuñado por el filósofo Etienne Souriau. A fin de dar otras existencias (visibilidades) en las relaciones entre pájaros y aviones, los niños crean una naturaleza híbrida a través de dibujos y prototipos rompiendo la dicotomía y el dualismo tan presentes en los conceptos de cultura y naturaliza, inventado así otra forma de entender el mundo em el que viven, convierto el acto de aprender em un ejercicio investigativo, divertido, creativo y creador.

**PALABRAS-CLAVE**

Arte; Ciencia; Naturaleza; Modos de existencia.

## Introdução

Numa proposta de produção de pesquisa interfronteiriça<sup>4</sup>, compartilhamos algumas práticas (em forma de um ensaio), que experimentam e desafiam a pensar em outros contextos de aprendizagem, através de abordagens inter/transdisciplinares, que vão além dos espaços escolares.

Em “Conexões entre arte, ciências e educação: experimentando o conceito de museu imaginário”, os autores Silva e Jovè (2019), apresentam a escola como um museu que se configura no âmbito da experimentação de práticas pedagógicas contemporâneas, através de conexões imprevisíveis com diferentes contextos e saberes, onde pode se experimentar diálogos constantes entre as práticas artísticas e os procedimentos científicos, que são potenciadores de conexão, que abrem a derivas transdisciplinares, que movimentam diálogos inéditos entre a cultura e a natureza, numa dinâmica de troca, num movimento de fluxos, deslocamentos entre o conhecimento popular e a investigação científica.

O presente ensaio coloca algumas questões que nos mobilizam a pensar práticas (educativas, artísticas e ecológicas) em diferentes contextos de ensino: como a arte contemporânea nos mobiliza a imaginar outros modos de aprender? Como a arte nos ensina a fazer conexões inesperadas com situações improváveis? Como instaurar outras existências, outros modos de ser e de perceber a natureza através do olhar imaginativo, sensível e criativo das crianças?

Durante alguns anos, nossos grupos de pesquisas<sup>5</sup> estão investindo em propostas educativas que desafiam a pensar outras práticas em educação através do nosso interesse, aproximação e investimento com a arte contemporânea, sobretudo, por acreditarmos no seu potencial educativo. Nomeamos esse movimento de pesquisa, experiências e fenômenos de poéticas híbridas.

Poéticas híbridas acontecem em nossas pesquisas e projetos inter/transdisciplinares diante das experiências, dos processos e dos procedimentos que experimentam as relações entre a arte contemporânea e as práticas educativas, no seu investimento e investigação da temática natureza. A relação que estabelecemos com a arte contemporânea nos permite construir uma rede de pensamentos, práticas, conexões entre diversos discursos que perpassam a natureza, a arte e as práticas educativas.

O trabalho com a arte contemporânea nos incentiva a “desenvolver as tramas onde quer que elas nos levem” (Latour, 1994, p. 9). Assim, a arte contemporânea vem nos ajudando a levar nossos processos investigativos mais adiante, nos arriscando com o (im)previsto e o (im)previsível, permitindo abrir novos trajetos de aprendizagem, através de uma política do perceber as diferentes visualidades nas práticas educativas. “O que importa não é se é ou não arte, mas as condições da experiência. Quando a

---

4 Práticas e exercícios colaborativos entre pesquisadores da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia) e da Faculdade de Educação da Universidade de Lleida- UdL (Espanha).

5 Grupo de pesquisa Carta-imagem (UEFS) e Espai Híbrid (UdL).

arte se torna a maneira e não o fim, os movimentos menores se tornam orientadores dos processos por vir” (Manning, 2019, p.11).

Esses movimentos nos permitem abrir novos trajetos de aprendizagem para inventar um currículo na sua virtualidade<sup>6</sup>. Neste ensaio consideramos a arte como um potencializador de possibilidades (O’Sullivan, 2006) de criação de mundos possíveis, com estratégias para desenvolver pensamentos rizomáticos (Deleuze & Guattari, 1995).

Nossa abordagem segue por meio de metodologias próprias de pesquisa-intervenção, tecendo fortes relações com as abordagens cartográficas em pesquisas em educação<sup>7</sup>, que se instauram através do contato com a arte (com os objetos, imagens, coisas, corpos, relatos, conjunto de práticas e produções artísticas), que pressupõe nossas escolhas metodológicas, que orientam modos de agir e produzir conhecimento que não se faz de modo prescritivo, por regras prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos.

Compreendendo que os percursos investigativos se constroem à medida que são observados e experimentados, produzidos sempre neste plano coletivo de forças (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), ousamos seguir e indicar algumas pistas possíveis para nosso método, construídas a partir de nossas experimentações ao longo destes anos envolvidos e afetados pela arte contemporânea nos e pelos processos de formação docente/discente.

Assim, o estudo é fruto de uma investigação sobre um conjunto de experiências que instauram práticas educativas com as crianças da educação infantil, que busca estabelecer pontes entre os museus, arte contemporânea e os temas da natureza.

## **Apresentação das práticas atravessadas pela arte**

No intuito de refletir sobre algumas práticas educativas construídas, influenciadas pela arte contemporânea, com o grupo de alunos<sup>8</sup> do 5º ano<sup>9</sup>, numa condição de proporcionar diferentes modos de falar sobre a relação entre natureza e sociedade, de forma criativa, imaginativa e divertida.

Diante do exposto, a intenção desse artigo é resgatar e trazer algumas reflexões sobre algumas práticas educativas realizadas com crianças da escola Bellcaire d’Urgell

---

6 Algo que existe e se realiza em um plano ainda não atualizado e nem percebido, numa aposta ao currículo aberto às diferenças e às práticas poéticas e estéticas.

7 Ver em estudos de PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Sulina. 2009.

8 Na escrita desse artigo utilizaremos o masculino genérico por acreditar que isso facilitaria a leitura e o entendimento do texto, mas ao mesmo tempo nos incomodamos com esse sexismo gramatical.

9 Esse trabalho (ensaio) conta com a colaboração de Laura Molina Romero (uma das autoras do texto), professora de educação infantil da escola rural Bonavista, em que é tutora da 5ª série, onde ensina de forma interdisciplinar espanhol, ciências sociais e ciências naturais.

- Escola Bonavista<sup>10</sup>, na qual exercitamos, ao longo desse período de isolamento, outras formas de olhar e investigar a natureza e criar relações inesperadas e inusitadas, colocando os professores e os alunos, na condição de criação e invenção de outras abordagens educativas, em contato com a arte e com a natureza. Trazemos a exposição museal como disparadora e mobilizadora para que professores e alunos criem e experimentem práticas inter/transdisciplinares. Nossa estratégia metodológica é observar essas práticas e instaurar uma política da atenção, nos debruçando sobre essas ações e fazendo delas nosso exercício de pesquisa-escrita.

Diante da impossibilidade de a escola levar os alunos ao Museu, Laura Molina Romero, professora de educação primária da Escola Rural Bonavista, criou uma exposição interativa e virtual tendo como referência a exposição *La imposibilidad de la imatge del món*<sup>11</sup>. Seus alunos puderam acessar as imagens e textos curatoriais pela internet, além do acesso aos catálogos da exposição, onde os alunos puderam conhecer diferentes propostas artísticas que atravessam a cartografia das imagens para uma maior compreensão da proposta da exposição.

Em meio a um bombardeio de imagens, que influencia, modifica e molda nossa percepção do mundo e, ao mesmo tempo, nossa percepção de nós mesmos, a exposição *La imposibilidad de la imatge del món*<sup>12</sup> abre novas configurações e experiências no/com o mundo, possibilitando experimentar o mundo pelas metáforas, territórios ressignificados e reconfigurados. Um mundo percebido através da experiência corporal, tátil, auditiva, sonora, visual. Uma exposição cartográfica que apresenta um mundo descentralizado, fragmentado e com múltiplas criações através da arte. Seria esse mundo (im)possível?

Ao visitar o museu interativo por meio das imagens dispostas na web e dos catálogos impressos<sup>13</sup>, dentre uma diversidade de propostas que explora outras formas de ver o mundo, as crianças se deparam com a proposta artística de Walmor Corrêa, *Quem sabe donde?*<sup>14</sup>

Esse trabalho proposto por Walmor Corrêa vem ao encontro da necessidade de dar existência a uma pequena ave até então desconhecida ou ignorada. Aqui emprestamos o termo *existência* tal qual Etienne Souriau, que descreve os diferentes modos de perceber a existência de algo ou alguma coisa, num apelo ético e político da arte de instaurar, que é ao mesmo tempo a arte de percepção do gesto mínimo de valorização do ser que depende da nossa política da atenção.

---

10 Bellcaire d'Urgell – "Escola Bonavista". Localizada no Município de Lleida (Espanha) na região sul, na fronteira com Pla d'Urgell, à esquerda do Segreé uma escola com cerca de 100 alunos do jardim de infância.

11 Exposição A impossibilidade da imagem do mundo que ocorreu e Lleida de 20 de setembro a 1 dezembro de 2019, Sala Gotika do lei de Lleida, tendo como proposta os trabalhos de Walmor Correa, Roc Domingo e Maite Villafranca.

12 A impossibilidade da imagem do mundo que ocorreu e Lleida de 20 de setembro a 1 dezembro de 2019, Sala Gotika do lei de Lleida, tendo como proposta os trabalhos de Walmor Correa, Roc Domingo e Maite Villafranca. Exposição com curadoria de Quim Bonastra, Glòria Jové Monclús.

13 Ver o link: file:///C:/Users/Micro/Downloads/Apunts\_sobre\_la\_impossibilitat\_de\_la\_ima.pdf

14 Apunts sobre la impossibilitat de la imatge del món. Ver em: <https://www.iei.cat/ca/administracio/fpiei/db/salagotika-apunts-sobre-la-impossibilitat-de-la-imatge-del-mon/1889.html>

De acordo com o filósofo Souriau (2017), para que um ser conquiste sua existência nesse mundo antropocêntrico, não basta apenas que exista, é preciso que ela, a existência, seja instaurada (não em um ato solene, cerimonial, institucional), mas em um processo que eleva o existente a um patamar de realidade e esplendor próprio.

Em Timoneiro de Alfé (antigo aeródromo, criado para fins militares em 1929, e desapropriado por ordem judicial em 2014), localizado a cerca de quatro quilômetros de Lleida (Espanha), uma região com mais de 200 hectares de vegetação árida de estepe, sem a presença de árvores, durante anos foi alvo de iniciativas dos ambientalistas, que lutavam para sua conservação e proteção.

Enquanto, o fator crucial para os ambientalistas era transformar a área em um espaço natural protegido, para muitos políticos e empresários esse mesmo local era visto como um grande deserto (local abandonado, um atraso social injustificável) propício para investimentos econômicos, tal qual a construção de um grande aeroporto.

Mesmo com todos os esforços e argumentos dos ecologistas seria praticamente impossível adiar a construção dessa grande empreitada, até que foi registrado o aparecimento de uma ave conhecida na Catalunha por Alosa Becuda<sup>15</sup>, um tipo raro de cotovia *Chersophilus duponti*, espécie que está correndo sério risco de extinção. Para os descontentes, os favoráveis à construção do aeroporto, perdurava a indignação sobre o ato do embargo: por que preservar uma área para um animal que ninguém vê?

A convite dos professores e pesquisadores da Universidade de Lleida- UdL, o artista brasileiro cria a exposição “*Quem sabe donde?*” Walmor Corrêa<sup>16</sup> se debruçou sobre esse dilema entre a construção do aeroporto e a preservação da ave, para propor a exposição que permitisse instaurar uma política sensível da percepção.

O trabalho de Walmor Corrêa abre um campo estratégico-investigativo sobre outras práticas educativas atravessadas pela arte e natureza, conhecido por propor obras e intervenções artísticas que exploram o inusitado, o absurdo e o irreverente na/da natureza, ao mesmo tempo em que instaura um jogo entre a verdade na fábula e a controvérsia na ciência. Em 19 de setembro de 2019, foi inaugurada a exposição: *Quem sabe donde?* No mesmo dia que foi lançada uma matéria no Jornal El País, cujo título era *Hacia un mundo sin pájaros*, alertando que em três décadas havia desaparecido trinta por cento da diversidade de aves no mundo. E a perda da diversidade de pássaros estava aumentando o risco de zoonoses. Através da proposta de Walmor, buscamos em outras reportagens, na Espanha, Brasil e outros países no mundo, a fim de construir relações com aves e com outros temas contemporâneo.

---

15 Ave passeriforme da família Alaudidae, aqui no Brasil recebe o nome de cotovia.

16 O artista plástico graduado em Publicidade e Propaganda e Arquitetura e Urbanismo, funda sua poética num universo de onde os personagens são tratados com rigor científico. Seu processo de trabalho compreende pesquisas minuciosas na ciência.



Fig. 1. Foto Walmor Corrêa. *A exposição. Quem sabe donde.* Fonte: Cedido pelo autor, 2019.

A exposição carregava uma frase de Walmor Corrêa que nos desafiava a pensar outras existências: Por que não é visto, não significa que não existe?



Fig. 2. Foto Walmor Corrêa. *Certificados de piloto para Chersophilus duponti.* (montagem nossa)  
Fonte: Cedido pelo autor, 2019.

Na exposição *Quem sabe donde?*, o artista apresenta um jogo de invenção e realidade, no qual o artista cria um passaporte para as aves, brincando com essa relação com o voo das aves e da aviação. Criando conexões e relações de maneira singular. Nesse jogo da diplomacia e regulamentação que é imposta ao espaço aéreo, ao dar um passaporte ao pássaro, também se autorizava o seu voo, legitima-se seu direito de voar, e sua existência no espaço aéreo de Lleida.

Assim, a exposição *“Quem sabe donde?”* interroga a respeito do que provoca uma existência<sup>17</sup>, mesmo que seja precária e provisória.

Num jogo de realidade e ficção, Walmor instaura uma nova perspectiva que irrompe e confunde a ordem de determinado plano de existência, deslocando graus de valoração, dando o mesmo grau de realidade, existência e autenticidade.

Nesse sentido, ainda dialogando com o filósofo Souriau, através do livro *“As existências mínimas”* de Lapoujade (2017), instaurar uma existência provém de um gesto, mas esse gesto não emana do artista, é imanente à própria existência.

Assim, o artista utiliza ferramentas para que o espectador possa perceber por outras lentes os diferentes modos de existência da Alosa Becuda, através do gesto de registrar as evidências da espécie por meio de documentos papéis, certidões civis<sup>18</sup>, com as quais podemos cruzar fronteiras e mostrar ao mundo que nós existimos. Esses gestos instauram uma política da percepção, do outro no outro, sobre os diferentes modos de existências, isso também seria uma forma de vida, uma maneira de viver<sup>19</sup>.

A exposição foi um disparador contextual mais amplo para uma compreensão das relações interespecíficas entre arte, natureza e sociedade. Com ajuda da professora, as crianças da Escola Bonavista puderam conhecer a proposta da exposição. Construíram um mapa das experiências vividas no museu, costurados com as experiências pessoais de cada aluno sobre a natureza.

– *Vocês podem anotar tudo que chamar a sua atenção ou que vier à sua mente durante a visita, então nós o compartilharemos.* Podem escrever o que vem na mente quando você está visitando a exposição, disse a professora aos alunos.

A proposta era de abordar o tema dos mapas, deslocando as noções de escala e localização tão presentes no currículo normativo. Contudo, os alunos orientaram-se por outras cartografias, criando outras maneiras de relacionar-se com o mapa e sua relação com a natureza. A princípio, a professora não apresentou nenhum direcionamento ou uma questão para investigar-se os temas da exposição, essa liberdade permitiu aos alunos estabelecerem conexões inéditas e inesperadas com o acervo museal. As crianças fizeram inúmeros registros anotando tudo aquilo que

---

17 Nesse sentido, a proposta de Walmor Corrêa se apresentava no desafio de dar outras visibilidades e existências a essa ave que nunca tinha sido avistada, pois trata-se de uma ave sorradeira, de aparência discreta de plumagem pardacenta, e devido a essa plumagem facilmente se camufla entre as ervas e gramíneas dos terrenos relativamente secos, a esse fato de camuflar pouco se avistava e por isso, muitos desconheciam sua existência.

18 “Esses certificados incluem o título de piloto de ultraleve, a certificação médica, emitida pela Agência Estadual de Segurança da Aviação, e a licença de tripulante de voo, todos com o nome completo do titular, Chersophilus duponti, e o assinatura: a marca da perna e um selo”. (CORRÊA, 2019, s/p).

19 Gestos que Erin Manning (2019) chama de *Minor gesture*, um gesto menor que abrem para uma variação da experiência.

viesses em mente e fizeram alguns desenhos sobre as diferentes obras na exposição.



Fig. 3. Antonio A Silva. (montagem). *Processos cartográficos com a arte*. Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Os alunos foram estabelecendo relações através dos pensamentos e ideias sobre o que mais lhes chamaram a atenção na exposição. Dentre as inúmeras propostas, destacou-se o fato de que uma das obras abordava a respeito de uma ave que estava correndo risco de extinção. Elas ficaram curiosas para saber mais sobre a existência da Alosa Becuda, assim, foram apresentando uma nuvem de palavras e informações (brainstorm) sobre as aves, fazendo diversas relações, quanto ao seu deslocamento, voo, etc.

Os desenhos apresentam-se como uma maneira de dar uma visualidade sobre aquilo que estava invisível, cada desenho apresentava novas perspectivas, trazendo outros detalhes da exposição, num sentido de instaurar uma visibilidade para aquilo que antes não era visto.

Um dos alunos desenhou um telescópio apontando para um pássaro: - *Pensei que o telescópio era como um olho grande e que servia para ver coisas que custam muito para ver, como o pássaro das notícias, que as pessoas não viam.*

Surgiram assim questões como: - *não sei quantos pássaros devem haver em Catalunha?* Essas e outras questões motivaram os alunos para pesquisar mais sobre os pássaros e os aviões, influenciados pela proposta da exposição. Com o problema apresentado surgiram outras questões que geraram outros conhecimentos: - *aviões voam muito e os pássaros também, ambos têm asas e visitam países diferentes, os aviões tem estradas invisíveis no céu, e os pássaros também.*

As crianças motivaram-se em buscar entender as características dos aviões e dos pássaros, no que se diferem e em que se assemelham. Diante desse enorme interesse sobre os aviões e os pássaros, aproveitamos a oportunidade e convidamos os alunos para criar outras imagens e maquetes, que permitissem explorar essas associações híbridas entre aviões e pássaros, tal qual o artista Walmor Corrêa apresenta em sua natureza fantástica, as diferentes composições e associações inusitadas e inesperadas.

Um estudante disse: - *os pássaros voam muito longe, que andorinhas que chegaram na primavera vieram da África. Outro estudante acrescentou: - Minha tia estava na África trabalhando como médica.* E isso abriu o debate entre aviões voando para a África, assim como, andorinhas que voam da África para a Europa.

As conversas e a nuvem de ideias foram resultando no estabelecimento entre as semelhanças e diferenças entre pássaros e aviões. O tema levou os alunos a procurarem informações sobre o que permite pássaros e aviões voarem longas distâncias.

Fato interessante é que as crianças puderam perceber que, com o agravamento da Pandemia no mundo, em que muitos voos foram suspensos, diminuindo, assim, a presença de aviões no espaço aéreo, tão logo associaram com o possível aumento de pássaros no céu<sup>20</sup>.

Tal investigação sobre as possíveis semelhanças e diferenças entre aviões e pássaros, trazida pelos alunos, já era o início de uma abordagem ativa em educação, tal qual a sugerida pelo físico Belga Ovide Decroly (apud Dubreucq, 2010)<sup>21</sup>, através do trabalho com as metodologias globalizadoras, baseada em projetos, onde através da observação, associação, relações temporais e espaciais, os alunos são levados à expressão de ideias e a propostas de investigação através/com a arte.

Pensando em Decroly, Dewey e Kilpatrick, os autores trazem uma proposta de ensino partindo da vida cotidiana do aluno, onde as crianças são colocadas como principal agente desse aprendizado, aprendendo a enxergar o mundo de forma ampla e não fragmentada, onde um conhecimento evoca o outro e assim sucessivamente. Para esses autores, o pensamento se origina de situações problema, assim, os métodos de aprendizagem estão centrados nos problemas.

---

20 Aqui fazemos referência a algumas notícias a respeito, como essa matéria de Elizabeth Anne Brown (2021): <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2021/10/numero-de-aves-nas-cidades-aumentou-apos-lockdowns-do-inicio-da-pandemia>.

21 Buscamos conhecer as metodologias de Decroly por Dubreucq, 2010.



Fig. 4. Aluno 5ª ano da Escola Bonavista *Pássaro com GPS*. Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Alguns meses depois dos alunos terem visitado a exposição virtual, com o agravamento da Pandemia causada pela SARS-CoV2 (Covid-19), as aulas presenciais foram suspensas e os professores tiveram que adaptar as atividades de forma remota.

Os alunos, já em período de confinamento, começaram a criar seus protótipos de naturezas fantásticas (naturezas híbridas, esboçando as mais sutis relações entre a natureza e as máquinas), em suas próprias casas. No presente desafio de romper com as dicotomias modernas entre a cultura e a natureza, entre o natural e o artificial, os alunos não somente criam um protótipo de aviões-pássaros, mas todo um processo de observação, associação, investigação, engendrando novas possibilidades de pensar a natureza e técnica.

Assim, as crianças em contato com a arte contemporânea, através de sua expressão (comentários, desenhos, ilustrações e maquetes), dão licença à imaginação poética, permitindo novas possibilidades de representação do mundo vivo, onde diferentes naturezas (pássaros e aviões) podem estabelecer relações (im)prováveis, inéditas, trazendo harmonia e novas formas de estar juntos.

*- Meu pássaro usa uma coroa que serve como GPS para ir a todos os lugares do mundo, tem um localizador embutido para saber onde está a todo momento. Possui rodas para facilitar os pousos e não machucar as pernas e as unhas. Sua cor rosa é muito vistosa para que esteja sempre localizada e possa ser vista de longe quando vai pousar. Sua cauda está abaixada, mas quando a levanta é como um avião que decola e começa a voar. Embora seja rosa, na verdade é feito de metal, como o de um avião<sup>22</sup>.*

Para a criança, a tão definida fronteira entre natureza, cultura, natural e artificial, pela ciência clássica, é superada por meio da imaginação e da licença poética, onde

---

22 Relatos escritos pelas crianças sobre as criações/associações entre pássaros e aviões.

as diferenciações intrínsecas entre seres e objetos permitem imaginar e especular seres totalmente integrados, sem perder de vista as especificidades de seus pontos de partida.

- *Meu híbrido é muito travesso e se reproduz por ovos muito grandes. Ele come ração a gasolina, vive em todo o mundo e gosta de voar em alta velocidade, ele é super rápido como um lutador. Ele faz longas viagens para ajudar as pessoas, porque ele é muito forte e pode carregar muito peso, ele carrega comida, remédio, histórias para quem não tem. Também ajuda a extinguir incêndios como os da Austrália. Tem a cabeça e o corpo de um pássaro e as asas e a cauda com hélices são do avião. As cores desta ave são geralmente: verde, preto, azul e branco.*



Fig. 5 e 6. Alunos 5ª ano da Escola Bonavista. *Pássaro híbrido*. Produção feita pelas crianças. Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

Ao tentar relacionar o mundo da natureza ao mundo da cultura, entre as semelhanças e as diferenças apresentadas, as crianças engendram, através da imaginação poética, seres compósitos, meio animais, meio máquinas e a partir da fictícia fusão representados, ora por esquemas mentais (escritas, esboços e jogo de palavras), ora pelos desenhos e, por fim, materializados pela mistura de montagem dos protótipos utilizando-se de inúmeros materiais.

A natureza e a técnica se inter-relacionam e dão lugar a um processo de reestruturação dos distintos elementos, num contínuo movimento de reconfigurações, rede de contradições. São através dessas relações que as crianças inventam outra forma de compreender o mundo em que estão inseridas, fazendo do ato de aprender um exercício investigativo, divertido e criativo.

Influenciados pela exposição *Quem sabe donde?* instaura-se uma prática de

ciência que busca conexões inusitadas, tendo como substrato a tensão entre natureza e cultura. Assim, suplantamos as fronteiras que dividem esses campos de conhecimento, para pensar práticas transversais que extrapolam o conceito de vida “para além da função-bio”, como sugerem Andrade e Romaguera (2011, p.14): “[...] entendimento de que seria na instalação da possibilidade de devir que se instala a possibilidade de vida e não em uma linearidade representacional de intensidade, *suti-le(ve)za*”.

- *Meu Pássaro-avião é azul médio, a cabeça é a do pássaro, as asas e cauda do avião e as pernas do pássaro para pousar, mas embaixo algumas rodas se desdobram quando ele vai pousar. Seu canto é agudo e também faz barulho de motor, essa espécie pode se extinguir porque come ferro e madeira.*

Essas representações híbridas entre a natureza (aqui representada pelas aves) e a máquina (aqui representada pelos aviões), nas suas diferenças e semelhanças, são formas insurgentes que buscam fortes aproximações com o universo imaginário e os inventários elaborados por Borges<sup>23</sup>, Cascudo<sup>24</sup>, Sáez Castán Javier ilustrador do *Animalário Universal do Professor Revillod*, Manoel de Barros<sup>25</sup> entre outros.

A literatura, já há muito tempo, reivindica o direito às *existências mínimas* que, ao longo de décadas, essas existências subjetivas, foram negadas, ignoradas ou silenciadas pelos domínios do conhecimento, tais como a zoologia, ecologia, botânica, antropologia, para ficar somente nesses exemplos.

Nesse entendimento, nos instiga a pensar sobre esse modo próprio da criança criar mundos alternativos, que são ao mesmo tempo práticas insurgentes, que rompem as estruturas propedêuticas das ciências. Práticas que existem cada uma à sua maneira, pois, ao projetar seus seres híbridos as crianças percebem uma possibilidade de existência social para esses seres.

- *Olá professora! Bem, eu lhe dou a versão melhorada do pássaro-avião. Como é a versão melhorada, mudei o nome e em vez de Pássaro-avião, coloquei Ave-avião. (...) Temos as pernas. Temos as asas do pássaro. Você vê? Aqui está o outro, mas este é mais fino porque representa o osso, ok? Isso é com tudo. Isso é apenas o osso. Então, com uma garrafa reciclada eu fiz o corpo e o bico representa o que é isso, que também não é muito bico, mas seria como o nariz do avião. E bem, esse é meu avião-pássaro. Espero que você goste!<sup>26</sup>*

Para Souriau apud Lapoujade (2017), cada ser possui um modo próprio de existir, intrínseco, incomparável, menos que frágil e inconsistente. Esses seres de ficção, todos os seres imaginários existem para nós por uma existência baseada no desejo, ou na preocupação, na esperança. Nesse ato há um desejo/uma esperança que a criança projeta para um mundo onde as diferenças entre os seres e as coisas mais nos aproximam do que nos separar.

---

23 BORGES, Jorge Luis. GUERRERO, Margarita. **Manual de Zoologia Fantástica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

24 CASCUDO, Luis da Câmara. **Lendas Brasileiras para Jovens**. São Paulo: Global. 2 ed., 2006.

25 Em Tratado geral das grandezas do ínfimo, o poeta compõe um tratado sobre passarinhos.

26 Aqui cabe apresentar um pequeno vídeo sobre a produção de um aluno. Ver em: [https://www.youtube.com/watch?v=ao6A\\_BTGPtc](https://www.youtube.com/watch?v=ao6A_BTGPtc)

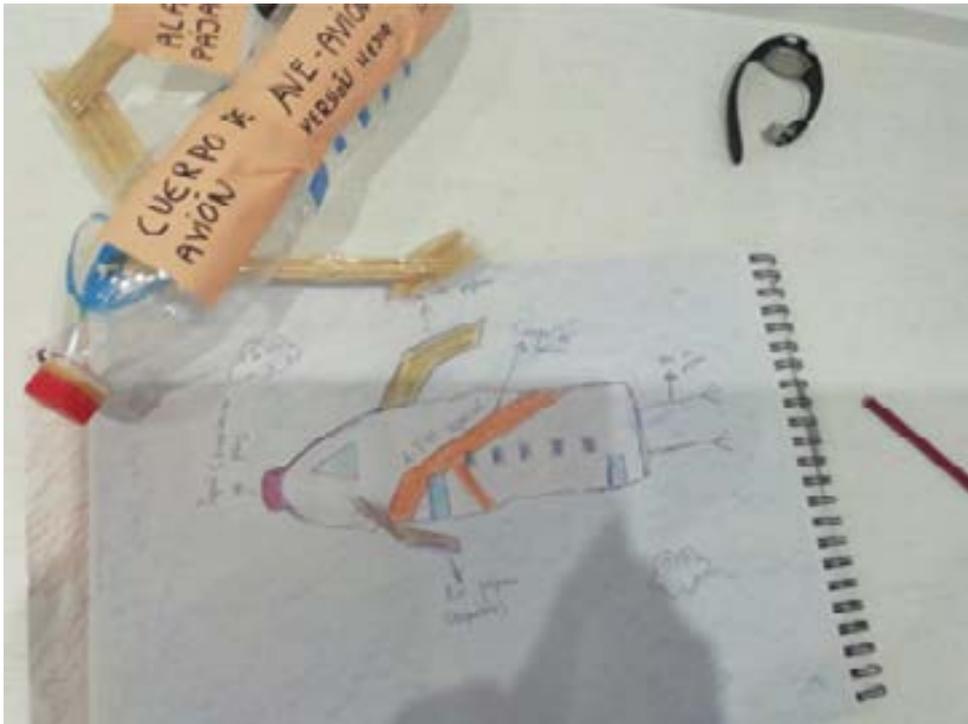


Fig. 7. Aluno 5º ano da Escola Bonavista. *Pássaro hídrico*. Produção feita pelas crianças. Fonte: Acervo Pessoal, 2019.

O gesto menor inventa novas formas existências/de vida intermitentes, tornam obsoletas as estruturas políticas, ativando novos modos de percepção, inventam linguagens que falam no interstício de línguas maiores (Manning, 2019). Estes gestos abrem caminho para que outros entendimentos sobre natureza e cultura emergjam, modos que apontam para novas maneiras de “viver-uma-vida<sup>27</sup>”. O que se avalia são os movimentos e as potencialidades que a criança instaura, que experimenta para intensificar a vida.

Em um simples gesto, as crianças apresentam, nas suas descobertas, alternativas para romper com categorias antagônicas entre natureza e cultura, onde concepções que ainda insistem em permanecer engendradas na sociedade ocidental, na nossa acepção de natureza, ora rivalizando com a arte, ora competindo com a técnica, são de certa maneira superadas pelas experimentações peculiares das crianças. O conflito contemporâneo, diante da valoração ou supremacia entre pássaros e aviões, é superado pelo gesto criativo e imaginativo das crianças.

27 Manning (2019). Viver-uma-vida, seria a recusa de privilegiar e dar maior importância a uma existência do que outra, às custas das diferentes formas e forças da vida, mesmo quando reconhece a relevância da pontualidade deste acontecimento singular.

## Considerações e pensar as práticas

Numa proposta de trazer outras abordagens, na perspectiva de tecer relações entre a curiosidade, a imaginação e os modos criativos de perceber a natureza, que são próprios das crianças, diante da sensibilidade estética que se manifesta na capacidade de criar, inventar, deduzir. Tais aproximações, apresentadas pelas crianças através dos seus desenhos (híbridos entre aviões e pássaros) ajudam a (re)pensarmos o binômio natureza-cultura, onde tudo está relacionado.

Tais práticas propostas trazem outras abordagens sobre a biodiversidade (das aves, mas cabe a toda fauna, flora, fungos, tardígrados, vírus, etc), onde, geralmente, o enfoque, primeiramente, seria sobre a classificação, terminado na sua utilização.

Assim, escapamos da visão antropocêntrica, egocentrista, que apresenta à natureza um conjunto de partes dissociadas, que não leva em conta processos sistêmicos (inter-relacionados), psicológicos e orgânicos (ecológicos) presentes nas relações entre o indivíduo e seus artefatos, entre a sociedade e o meio natural ou construído<sup>28</sup>.

Com a ajuda da arte contemporânea, as crianças se distanciaram de uma visão elementarista, reducionista e fragmentada (muito comum no universo dos adultos), que procura incidir o todo às suas partes elementares, a fim de considerá-las em separado. Apostamos no devir criativo que é próprio das crianças, no exercício constante de perceber e inventar um mundo próprio. Um mundo das interconexões, onde os artefatos e a natureza estão intimamente ligados, até mesmo os indissociáveis.

Um devir criança, na condição de criação, que está na prática dos alunos e também na prática da professora, que incorpora em sua prática um modo inusitado, e ao mesmo tempo está atenta à experiência dos alunos, que se abrem ao inesperado. “Raros são aqueles que as percebem e lhe dão importância; mais raros ainda aqueles que exploram essa abertura em uma experimentação criadora” (Lapoujade, 2017, p. 44).

Essa política de percepção, que a todo tempo inventa outro jeito de ser, eterno devir-criança em que tudo toca e convida para brincadeira, para imaginação, para experimentação sem a necessidade de explicar ou fazer sentido.

Devir - criança é, assim, uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma ‘involução criadora’, a ‘núpcias antinatureza’, a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada (Kohan, 2007, p.93).

Em Rodrigues (2018), o devir-criança, devir-passarinho na criança, é, pois, possibilidade de mudança, é força da criação do novo, do inusitado, do inesperado, é um caminhar tateante, sem rumo, sem destino, é expressão de vida, vida acontecimento, vida em movimento, vida em experiência, vida experiência, ou ainda a própria condição de ser afetado, pois caracteriza-se permanentemente como transformação.

---

28 Ver em: Guattari (1997).

O modo como a criança estabelece conexões, arranjos com o improvável, esse *dever-passarinho*, é o modo de fazer existir, dando realidade através de outra maneira de ser, esse também é o modo de ser, o devir criança, que se sustenta pelas coisas que se fazem existir.

Assim, o conhecer, para uma criança, é fruto de algo sempre inacabado, sempre em variação, sempre em construção com qualquer coisa, espaço e lugar. Para a criança, aprender é se colocar diante do inevitável, é estabelecer vínculos com aquilo que lhe afeta, assim, tudo é passível de relação e aprendizagem. A aprendizagem como algo novo a emergir.

Desenhamos esse percurso a partir do contato com a arte contemporânea, que impulsiona e convida para novas conexões. A arte de certa forma imana questões icônico-poéticas numa proposta de uma ciência imaginária, através dos projetos que somos capazes de gerar. Diante da pergunta que insiste em permanecer em nossas pesquisas: como a arte nos ensina a fazer conexões?

Entendemos, assim, a arte contemporânea, *como um modo* tal qual se pensava na antiguidade, e depois resgatado por Bergson (2005), não mais como um objeto, produto, ideia, mas como um modo pelo qual as coisas acontecem, pelas próprias condições de experimentações e experiências sentidas. Em nossas práticas educativas, a arte se torna o caminho e não a direção final; não é a obra, o artista, mas sim, os movimentos menores de cada artista, de cada obra, que se tornam orientadores dos processos por vir.

O ato de perceber e registrar a natureza propicia e aflora outras formas de pensar o mundo natural e cultural, em processo contínuo de reconfiguração das abordagens educativas sobre a natureza e suas ressignificações no mundo tecnológico e globalizado, onde natureza e máquinas estão totalmente associadas, conectadas, e ao mesmo tempo, indispensáveis em nossa vida. Isso já é uma poética híbrida?

As poéticas híbridas são de certa forma as práticas que insurgem em experiências das mais diversas, nascem da intersubjetividade, da interdisciplinaridade, na ação e na elaboração coletiva dos sentidos por meio da arte, derivando num processo de pesquisa mais amplo sobre as formas de estar junto da arte contemporânea para criação de experiências educativas.

O que nos parece interessante é como as práticas educativas inter/transdisciplinares inventam novas possibilidades em (re)pensarmos o binômio natureza-cultura por meio do encontro com as produções artísticas, que revelam interfaces e conexões entre diversas leituras de mundo.

Nesse sentido, os alunos são convidados a expressar modos de conhecer através da produção de um artefato, que é construído através de sua própria experimentação com o inusitado da arte. Esses gestos trazidos pelas crianças nos convocam a pensar outras formas de apresentar a natureza e a técnica, não mais como commodities, mas como abordagens que nos permitem compreender a vida, as diversas formas de vida (orgânica e inorgânica e suas transformações) em suas simbioses, agenciamentos e cooperações.

As crianças aqui são apresentadas como guardiãs dessas existências menores (coisas, seres imaginários, virtuais e ficcionais), que se fazem nos interstícios entre o mundo da ficção e realidade, entre o mundo da natureza e o mundo dos artefatos. Esse conjunto de seres que estão numa proto-condição de existência, que existem somente pela autorização, desejo das crianças, gestos esses que chamamos de práticas insurgentes.

As produções textuais, imagéticas, visuais, criadas pelos alunos, assim como as outras formas de apresentação do mundo contemporâneo, são meios que contribuem para a interpretação e produção de sentidos para o mundo.

## Referências

ANDRADE, E. C. P. & ROMAGUERA, A. **Sonhar-te e(m) vidas. (Des)narr-ar... RUA**, [online], 17(1), 2011. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/ruateste/pages/home/lerArtigo.rua?pdf=1&id=101>. Acesso em 26.05.2023.

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BERGSON, H. (1964). **A evolução criadora** (A. C. Monteiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Delta, 2005.

BORGES, Jorge Luis. GUERRERO, Margarita. **Manual de Zoologia Fantástica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

BROWN. Elizabeth Anne Brown. Número de aves nas cidades aumentou após 'lockdowns' do início da pandemia, 2021. **National geographic Brasil**. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2021/10/numero-de-aves-nas-cidades-aumentou-apos-lockdowns-do-inicio-da-pandemia>. Acesso em 26.06.2023.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Lendas Brasileiras para Jovens**. São Paulo: Global. 2 ed., 2006.

CORRÊA, Walmor. **Apunts sobre la impossibilitat de la imatge del món**. Curadoria: Quim Bonastre e Glória Jove. (catálogo impresso) Exposição realizada na sala gótica da lei de Lleida de 20 de setembro a 1 de dezembro de 2019.

DELEUZE, G; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Ana Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed.34, vol. 3, 1995.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

DUBREUCQ, Francine. Jean-Ovide Decroly. Trad. de Carlos Alberto V. Coelha, Jason F. Mafra, Lutgardes C. Freire e Denise H. Mafra. **Coleção Educadores**. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. Recife – PE, 2010.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 16. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

KILPATRICK, Willian Heard. **Educação para uma civilização em mudança**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter Omar (org.). **Lugares da Infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MANNING, Erin. Proposições para um movimento menor. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 11-24, jun./dez. 2019. Acesso em: 26.04.2022.

O’SULLIVAN, S. **Art encounters Deleuze and Guattari: Thought beyond representation**. London: Palgrave Macmillan. 2006.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Sulina. 2009.

RODRIGUES, Rodrigo Reis. Devir-pássaro (oficina). ClimaCom – **Diálogos do Antropoceno** [online], Campinas, ano. 5, n. 12. Ago. 2018. Disponível em <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9621>. Acesso em 27.04.2023.

SÁEZ Castán, J. y MURUGARREN, M. **Animalario universal del professor Revillod**. Almanaque ilustrado de la fauna mundial. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

SILVA, AA e JOVÈ, G. Conexões entre arte, ciências e educação: experimentando o conceito de museu imaginário. **Revista Palíndromo**, v. 11, n. 25, p. 13, set.-dez.2019. Disponível em [www.revistas.udesc.br](http://www.revistas.udesc.br). Acesso em 06.12.2023.

**Submissão:** 04/10/2023

**Aprovação:** 11/12/2023